

Temas e questões estratégicas para o desenvolvimento da EAD

Lígia Silva Leite

O interesse pela Educação a Distância (EAD) tem crescido assustadoramente. Alunos, professores, profissionais de educação e de outras áreas afins ou não têm buscado nessa modalidade de educação a 'solução' para os problemas educacionais que os afligem.

A preocupação com a EAD tem gerado a realização de numerosos eventos que buscam avançar o conhecimento nesta área. Seguindo essa tendência, a Aquifolium Educacional realizou entre 7 e 14 de agosto de 2000 o seminário virtual "Panorama Atual da Educação a Distância no Brasil". Durante essa semana educadores, na sua maioria localizados no Brasil, debateram a EAD com o objetivo de:

Sinalizar, para posterior aprofundamento, questões e temas estratégicos para o desenvolvimento da Educação a Distância no Brasil, especialmente com o uso de novas tecnologias de informação e comunicação. (Aquifolium, 2000)

Este trabalho se propõe a comentar os temas e questões estratégicas abordadas no Seminário, indicando contribuições e questionamentos. Devido à abrangência da área foram identificadas categorias a partir da análise dos debates entre seu preletor, prof. Wilson Azevedo, e os participantes, profissionais de EAD. Os comentários são baseados em referências teóricas pertinentes assunto. As categorias não são definitivas mas servem de base às reflexões aqui apontadas, possibilitando avançar o conhecimento nesta área e são apresentadas sem hierarquização ou sequência lógica. Espera-se, assim, oferecer um panorama dos tópicos abordados no seminário facilitando seu posterior aprofundamento. São elas:

- a. Pedagogia específica
- b. Interatividade
- c. Papel do professor
- d. Investimento em 'peopleware'
- e. Outros aspectos

Antes de abordar a primeira categoria, cabe lembrar que apesar do tema EAD ser "quente", tanto no Brasil quanto em qualquer parte do mundo, até hoje nos deparamos com diferentes maneiras de defini-la.

Porém, já podemos identificar algumas características de EAD que nos encorajam a conceituá-la sem correr o risco de grande fiasco. O Centro de Tecnologia Instrucional da Faculdade de Educação do Sul da Flórida explica que a EAD pode ser definida com base nos seguintes critérios:

1. Professores e alunos estão separados pela distância, podendo estar em diferentes salas de aula, em uma mesma escola ou em localidades diferentes, milhares de milhas à parte;

2. O meio de instrução utilizado pode ser o impresso, voz, vídeo, ou tecnologia eletrônica;
3. A comunicação é interativa, na qual o professor recebe feedback do aluno. O feedback pode ser em tempo real ou virtual. (Barron, 1998)

Esse conceito torna possível relacionar seus critérios às categorias identificadas no seminário virtual.

a. Pedagogia Específica

À medida que as tecnologias da informação e comunicação têm participado cada vez mais da EAD, pode-se identificar uma questão extremamente importante que se apresenta como desafio: a formação de comunidades virtuais de aprendizagem. Esse tipo de comunidade contempla os três critérios do conceito de EAD apresentado.

Algumas maneiras de se operacionalizar esse tipo de comunidade podem ser atendendo alunos que não podem sair de casa, alunos que não têm como ir até a escola devido a distância física; interagindo com especialistas que não podem ou escolhem não se locomoverem; desenvolvendo projetos colaborativos; facilitando o acesso a recursos remotos; desenvolvendo projetos e programas de educação continuada de professores. (Barron, 1998) Qualquer que seja a modalidade de EAD, online ou não, apresenta-se desafiando os profissionais da educação a repensarem seus modelos pedagógicos.

Azevedo, em sua palestra inicial, nos lembra que “assim como a Educação a Distância convencional exigiu o desenvolvimento de uma pedagogia específica, A EDUCAÇÃO ONLINE EXIGE O DESENVOLVIMENTO DE UM MODELO PEDAGÓGICO ESPECÍFICO.” Apesar de a EAD convencional estar entre nós de maneira mais sistemática há pelo menos mais de um século, parece que ainda buscamos um modelo pedagógico próprio para esta modalidade de educação, diferente do utilizado no ensino presencial. Com o desenvolvimento avassalador da educação online essa pressão aumenta e torna-se necessário definir o modelo com maior urgência. E bem nos lembra Lenise Garcia a esse respeito: “O que poderia ser feito para incentivar a pesquisa e a criatividade na área?... Como ter experiências realmente inovadoras?”

Características desse modelo são apresentadas por Azevedo: formar equipes de profissionais que interajam entre si; trabalhar e aprender se tornam uma coisa só; combinar competências para desenvolver a inteligência coletiva; e tornar o professor e o aluno companheiros de comunidade de aprendizagem.

Quanta complexidade! Como formar essas equipes colaborativas de profissionais em uma sociedade tão competitiva e ao mesmo tempo tão interdependente? Já que não podemos ter a pretensão de dominar todo o conhecimento de uma determinada área do saber.

A sociedade da aprendizagem definida por Horman & Harmann (1990) parece estar se tornando realidade entre nós. Não se pode mais parar de aprender nem de trabalhar, é claro. E na sociedade da aprendizagem, segundo estes mesmos autores, “todos podem se envolver com o aprendizado e com trabalhos criativos; isso não depende da geração de empregos através do crescimento econômico.” (p.125)

Diante dessa realidade a EAD tem se apresentado como uma alternativa de aprendizagem adequada à vida corrida dos profissionais que necessitam estar sempre se atualizando (Drucker, 2000) Esta idéia já está implícita na segunda e terceira características do modelo acima. Harman & Hormann (1990) também podem ser lembrados mais uma vez, quando afirmam que “Aprendizagem é tanto o meio como o fim.” (p.124), e que a “sociedade da aprendizagem não pode ser projetada nem dirigida de cima para baixo” (p.124) Percebemos, assim, que há uma década, mesmo sem a presença maciça dos recursos de informática e comunicação online, as bases desse novo modelo pedagógico já vinham se delineando, pelo menos teoricamente.

Consequentemente, as duas últimas características do modelo fazem sentido, não há como adotar esse novo paradigma sem alterar o papel do aluno e do professor no qual buscam uma aprendizagem colaborativa. E aprender colaborativamente também significa aprender em meio a conflito, como nos lembra Henrique Antoun.

Entetanto, “ESTE NOVO ALUNO E ESTE NOVO PROFESSOR AINDA NÃO EXISTEM”, diz Azevedo. Pergunto, como não? O que teria sido da educação se durante todos esses séculos não tivéssemos podido contar com os ‘verdadeiros’ professores e alunos, aqueles que por vocação vêm compartilhando sua vida com as pessoas à sua volta, muitas vezes alunos que muito têm a aprender mas que também ensinam o professor em numerosas situações. O que não temos ainda, e talvez nunca venhamos a ter, é um modelo pedagógico de treinamento de ‘vocações’ para o magistério presencial ou a distância, apesar de Mattos (s/data) ainda na metade do século, indicar o desenvolvimento de vocações como fundamental para a formação de um professor.

Uma das características da pedagogia online talvez possa ser identificada na participação de Giacca: “acredito que estamos voltando ao início da universidade em que o aluno procurava seus professores e escolhia créditos e matérias”. Como seria bom se pudéssemos dar atenção individualizada a cada um dos nossos alunos! E a comunicação online facilita esse modelo, inviável no paradigma presencial de educação de massa. E Azevedo nos lembra que uma das vantagens da educação online é a possibilidade de comunicação “de muitos para muitos”.

Uma outra característica apontada por Maria Neide Sobral da Silva é que:

O novo na EAD nasce dos avanços da distância e da tecnologia, reorientando nossa forma de pensar, olhar e agir na realidade e exigindo de nós movimento no aprender e no ensinar que rompem profundamente com a educação ainda dominante.

Sim, os avanços da distância real e virtual e da tecnologia têm alterado nossa maneira de perceber e de interagir com o mundo, passando de uma interação comunicacional massiva para a interativa (Silva, 2000), mas a dificuldade está em “romper com uma concepção de educação ainda dominante” (Maria Neide Sobral da Silva).

A educação é processual enquanto fenômeno social, e não há como ‘romper’ com a prática dominante abruptamente, é uma ilusão. E Maria Aparecida aborda a questão comentando que

Nossa educação escolar (brasileira) emerge da sociedade disciplinar e não é a pedagogia e os papéis que ela definirá tanto ao professor quanto ao aluno que nos darão os caminhos para produzir a educação cibernética.

O desafio encontra-se na transformação gradual desse processo, contemplando cada vez mais o novo paradigma que vem se delineando. Isso sendo feito sem que se perca o foco na qualidade do processo, ou seja, na qualidade de vida dos professores e alunos envolvidos com uma educação transformadora.

A Internet hoje é um recurso pedagógico poderoso. Tatiana Coelho nos urge a acelerarmos as mudanças na sala de aula para não ficarmos sem alunos, pois “as novas gerações estão aprendendo sozinhas a buscar o conhecimento, inclusive na Internet.” É preciso ficarmos atentos a essa nova realidade e aos aspectos implícitos, ou até mesmo equivocados, que surgem com ela. Com certeza as novas gerações têm buscado e conseguido, até com fartura, ter acesso a muita informação via Internet, mas será que elas vêm se “educando” via Internet? Se isto estiver acontecendo pode ser um sinal de que o computador/Internet está substituindo o professor? Se isto também for verdade estamos mal de vida, pois não estamos sendo suficientemente bons professores a ponto de realizar uma verdadeira educação. Como a pedagogia específica da EAD online pode fazer uso da Internet no sentido de ajudar alunos e professores a construir conhecimento e não apenas a terem acesso à informação?

Diante dessa realidade Tatiana ainda pergunta: “Quais são os novos paradigmas?” A pergunta continua no ar, sabemos que a busca é de um paradigma de aprendizagem coletiva, e que exige profundas mudanças em todos nós e no que nos rodeia, e que mudanças implicam em custos. Onde buscar os recursos?

A ansiedade pela busca dessas respostas se manifestou na fala de vários participantes do Seminário e Azevedo, com sabedoria, tranquilizou a todos:

E se pensarmos que Educação a Distância via Internet é coisa que não tem mais do que 10 anos, então percebemos que estamos diante de algo mesmo muito novo em Educação. Ainda não transcorreu tempo suficiente para amadurecer conceitos e modelos....

Essa colocação nos conduz à reflexão de que a construção de uma pedagogia específica de EAD é processual. Até aí nenhuma novidade. Porém, quando o paradigma estiver pronto, se algum dia estiver, será que já estará obsoleto? Mas para construí-lo não se pode abandonar as pesquisas, debates, troca de informações e mais do que tudo, como bem nos lembra Azevedo “Humildade para ouvir e coragem para ousar...”

“Colaboratividade”, neologismo aplicável à EAD online, segundo Azevedo, já que este tipo de educação “é algo que se prepara colaborativamente para funcionar de maneira colaborativa”. Identifica-se assim uma característica dessa pedagogia, lembrando que os professores tradicionais não estão preparados para trabalhar colaborativamente, embora esperem isso dos seus alunos nas atividades de grupo. É preciso considerar a complexidade da tecnologia online, a necessidade de infra-estrutura e de trabalho de equipe para que um curso online funcione a contento. Esse novo modelo é interdisciplinar. Daí necessitamos saber que tipos de profissionais precisam trabalhar junto com o professor para o sucesso desses cursos?

A pedagogia específica também deve se preocupar com a qualidade do material instrucional desenvolvido para a EAD, seja ela online ou não, lembrando sempre que “o modelo desenvolvido para a EAD baseada em material impresso não me parece adequado ao ambiente online, não aproveita os melhores recursos que este ambiente oferece” (Azevedo). Temos muitas vezes corrido o risco de tentarmos adaptar atividades pedagógicas bem sucedidas em uma dada metodologia de ensino transplantando-a para uma nova situação. A taxa de insucesso é grande, pois a mera adaptação metodológica não satisfaz. É preciso buscar novos paradigmas, novas formas de fazer educação, desprendida dos velhos modelos que em algum momento já funcionaram a contento mas que agora estão obsoletos. Daí, muitas vezes, o insucesso de tentar transformar bem sucedidos professores presenciais em professores online; bons livros-texto em material impresso de EAD; bons filmes educativos para uso em sala de aula em material de EAD; bons alunos presenciais em alunos de EAD. Todas essas iniciativas exigem uma abordagem inovadora e não apenas adaptação.

Seguindo esta linha de pensamento Lenise Garcia apresenta sua preocupação:

Em algumas áreas, como Informática ou Medicina, um curso por correspondência ou em vídeo que leve um ano para ser produzido, pode tornar-se totalmente obsoleto 2 ou 3 anos após começar a ser distribuído.

A literatura especializada muitas vezes indica que há expectativa de que pelo menos a maior parte dos profissionais de todas as áreas estejam fazendo EAD e oferecendo o maior número possível de cursos nesta modalidade. Será que é isso mesmo? Será que é esse o caminho que buscamos como educadores? Ou será que precisamos definir com o máximo de clareza que conteúdos e áreas do saber são mais adequados a esta modalidade de educação? Pois hoje já sabemos que em muitas situações de ensino o contato face a face professor-aluno e alunos-alunos é indispensável. E, que, em uma mesma área, podemos inclusive identificar conteúdos adequados às diferentes modalidades de EAD. Desse modo podemos eliminar muito da ansiedade que nos domina quando tentamos utilizar eficazmente a EAD em várias áreas indiscriminadamente.

A preocupação de Jurema Sampaio também é importante, uma vez que questiona se nessa pedagogia virtual há preocupações com interfaces, no aspecto de comunicação visual. Estamos diante da necessidade de conhecer profundamente o meio/tecnologia a ser utilizada no processo educativo. Todo professor hoje precisa conhecê-los, estar alfabetizado tecnologicamente para poder integrá-los na sua prática pedagógica (Sampaio e Leite, 1999)

Azevedo destaca que “Os ambientes online não devem apenas funcionar, devem ser agradáveis, convidativos.” Esse é um bom desafio para o educador que desenha os programas de EAD via Internet”. A Internet é multimídia, seus recursos visuais, sonoros, gráficos e de comunicação são quase ilimitados e sua participação na EAD é uma parte importante do paradigma buscado. Como explorar pedagogicamente, visando a aprendizagem, esse potencial multimídia e de comunicação de vários para vários? O campo está engatinhando.

Agora nos deparamos com uma questão didática para a EAD. Jayme Aranha se refere à dinâmica da aprendizagem em cursos de EAD, ou seja, como lidar com a “aprendizagem

colaborativa” e a possibilidade de se “aprender sozinho” em cursos de EAD? A este respeito Lenise Garcia apresenta uma contribuição importante:

Embora eu ache interessante a idéia de “inteligência coletiva”, a verdade é que muita coisa [por exemplo teorias realmente criativas só podem ser constituídas quando uma série de informações se unem em UMA ÚNICA CABEÇA. A Internet facilita enormemente a troca de informações..., a interatividade, mas nada novo pode ser realmente produzida a não ser quando essas informações se unem na mente de alguém.

Essa contribuição gera alguns questionamentos diretamente relacionados à definição de uma pedagogia específica: quanto conteúdo é suficiente para ser veiculado em cursos online, de modo a garantir um nível satisfatório de aprendizagem? A dinâmica da Internet facilita ou dificulta a construção do conhecimento? A aprendizagem online é um meio ideal para todos os estilos de aprendizagem?

O ensino online nos coloca diante de uma outra questão pertinente à pedagogia específica de EAD. Daniela Doria se manifestou preocupada em saber, enquanto aluna, como administrar a quantidade de emails recebidos”? Durante o seminário, “todos os comentários são importantes e te convidam a comentar”. A busca desse novo paradigma gera a necessidade de desenvolvermos novos comportamentos. Será que precisamos desenvolver novas habilidades de comunicação online? Melhor capacidade de síntese, mais objetividade? Criar ferramentas que nos auxiliem na “leitura” das mensagens recebidas? Como administrar esse aspecto em um curso online favorecendo a aprendizagem e não gerando o sentimento de “ficar atrasada” (Daniela Doria) devido ao grande volume de informações?

E a tutoria, como defini-la com propriedade em termos de tempo e frequência de atendimento aos alunos? O critério estará no número de participantes do curso? No tipo de conteúdo? Na disponibilidade do professor? Ainda Daniela Doria indaga sobre este aspecto reagindo à necessidade de utilizarmos a rede “com moderação”. Ainda estamos aprendendo a definir esses parâmetros. Lenise Garcia acrescenta que, com base na sua experiência com tutoria online, “não há como definir este tempo...o aluno online é exigente com a rapidez nas respostas...a questão do tempo é meio imprevisível”. Ainda não definimos maneiras de precisar o momento e a duração da participação online. Esperamos nunca chegar a este ponto, mas podemos adotar algumas práticas no sentido de organizar, pelo menos a reação do professor às mensagens dos alunos. Pode-se definir um prazo razoável para responder aos alunos, tentando diminuir a ansiedade do professor no sentido de ter sempre que responder imediatamente a todas as mensagens dos seus alunos. Pode-se definir que o professor somente irá acessar suas mensagens um determinado número de vezes, pré-estabelecido, por semana, por exemplo. Desse modo os alunos sabem de antemão que suas perguntas serão respondidas no devido momento. Estas não me parecem práticas cerceadoras ou tradicionais, mas necessárias para estabelecer um relacionamento não ansioso nem culpado entre professor e alunos, ou seja, para desenvolver uma prática de compromisso mútuo. Um recurso que pode auxiliar é o estabelecimento de um cronograma, pois educação é compromisso e exige responsabilidade das partes envolvidas. E, tanto compromisso quanto responsabilidade são difíceis de desenvolver, mesmo no ensino presencial. Ainda temos muito que aprender nesta área. Vamos continuar buscando. A este respeito Lenise Garcia pergunta “como

conseguir um compromisso por parte dos inscritos? Parece que esta questão está diretamente ligada à motivação, aspecto tão difícil de ser trabalhado, mesmo na educação presencial.

O paradigma da colaboração, interatividade e a possibilidade de comunicação assíncrona de vários para vários talvez nos remeta ao nosso tão criticado “ensino individualizado” dos anos 70, no qual buscávamos traçar/oferecer um ensino adequado aos diferentes alunos, sem com isso abrir mão dos momentos socializados, fundamentais para nosso crescimento enquanto pessoas e cidadãos. Quem sabe podemos buscar alguns aspectos da pedagogia específica de EAD no ensino individualizado? Pois assim poderemos explorar ao máximo o grande potencial do ensino online de possibilitar o atendimento “mais individualizado” do aluno no que diz respeito às suas necessidades de aprendizagem. Tarefa impossível para um professor presencial com 30, 40 ou mais alunos na sua sala de aula.

b. Interatividade

Na busca do modelo pedagógico específico de EAD Giacca ressalta que “o miolo [do modelo] parece estar no tipo de interação entre professor e aluno.” E interatividade é palavra-chave para qualquer processo educativo. Como pensar em educação sem troca, seja ela presencial ou a distância?

Para esclarecer esse conceito fundamental na EAD recorreremos a Silva (2000) que explica que a comunicação interativa, que buscamos na EAD, sem invalidar o paradigma clássico, direcional, adotado no ensino presencial, pode ser assim caracterizada:

Mensagem: modificável, em mutação, na medida em que responde às solicitações daqueles que a manipula.

Emissor: “designer de software”, constrói uma rede (não uma rota) e define um conjunto de territórios a explorar; ele não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto intrincado (labirinto) de territórios abertos a navegações e dispostos a interferências, a modificações.

Receptor: “usuário”, manipula a mensagem como co-autor, co-criador, verdadeiro conceptor. (p.73)

Essas características são importantes para nós, professores que desejamos construir comunidades virtuais de aprendizagem, porque a comunicação interativa, seja ela virtual ou não jamais poderá ser linear.

Outro aspecto a ser destacado na EAD é a possibilidade de interatividade do professor e alunos não apenas entre si, mas também com o conteúdo do curso e com a tecnologia/recursos de ensino. “Seria um desperdício ficar apenas na interação um-para-um” (Azevedo). O resultado desta ação é trabalho de equipe onde a aprendizagem pode se apresentar nas seguintes modalidades:

Intuitiva: conta com o inesperado, o acaso, junções não lineares, o ilógico.

Multissensorial: dinamiza interações de múltiplas habilidades sensoriais.

Conexional: na base do e...e, justapõe por algum tipo de analogia, perfazendo roteiros originais (não previstos), colagens, permanente abertura para novas significações, para redes de relações.

Acentrada: coexistem múltiplos centros.

Procedimento: navegação, experimentação, simulação, participação. (Silva, 2000, p.79)

Mesmo que venhamos a dominar teórica e praticamente a interatividade, Maria Aparecida nos lembra que nesta nossa missão de formar o "ser colaborativo", vamos fazê-lo dentro de um contexto educacional que já traz, na sua tradição, papéis definidos para os atores pedagógicos. Precisamos ter essa consciência para não sermos fortemente influenciados por eles e possamos permitir que a pedagogia enfrente essa discussão para então enfrentar seus conceitos de interatividade, colaboração, conectividade, comunidades virtuais, inteligências coletivas, entre outros conceitos que emergem das mídias contemporâneas...Que a modalidade online seja potencialmente viabilizada para o estabelecimento do groupware...e que nisto se aprenda o que é conectar/comunicar/conhecer.

Mesmo aprendendo esses conceitos a interatividade será sempre um desafio. Muirhead (s/data) desenvolveu uma pesquisa sobre interatividade com alunos de cursos de pós-graduação a distância. Uma das suas conclusões é que "um fator crucial em cursos online é manter uma interação coerente e confiável". Aí está mais um desafio para a EAD. Essa coerência e confiabilidade nem sempre são estáveis nos cursos presenciais. Como trabalhar com elas online?

c. Papel do professor

Intrínseca à necessidade de ser definida uma pedagogia específica, encontra-se a necessidade de definir o papel do professor de EAD. Azevedo defende o "professor animador" de comunidade de aprendizagem, mas qual será o seu perfil? Como ele difere do professor tradicional, ou do professor de EAD convencional?

Jurema Sampaio, ao se referir ao perfil do professor online nos lembra que "parece não haver um consenso sobre as necessidades básicas do veículo [Internet]", o que dificulta ainda mais nossa tarefa. Pode-se perceber essa limitação como mais um desafio, o de identificar as necessidades do veículo para, ao mesmo tempo, podermos definir o perfil do professor online.

Uma característica que vem sendo apontada como importante se refere ao fato do professor ser capaz de trabalhar colaborativamente. Esse trabalho colaborativo deve se dar tanto no planejamento e veiculação do curso, que deve ser resultado de um trabalho de equipe, quanto no seu desenvolvimento. Essa postura se impõe hoje como necessária não apenas nos cursos online, mas em qualquer ação educativa.

Muitos trabalhos discutem a necessidade de mudança no papel do professor como não sendo mais aquele que 'ensina' o tempo todo aos alunos que 'aprendem'. Ensino e aprendizagem hoje são um processo dinâmico que se alterna entre seus participantes, principalmente quando a tecnologia eletrônica é utilizada como recurso de ensino. Cursos online oferecidos pela Universidade Central da Flórida, EUA, comunica aos seus participantes que, para se

inscreverem nos cursos, além das habilidades relacionadas ao uso do computador, eles também precisam possuir as seguintes habilidades de estudo online: aprendizagem ativa, disponibilidade de recursos, convivência, trabalho independente, gerenciamento do seu tempo, organização e responsabilidade. (Universidade Central da Flórida, 2000)

A solicitação dos alunos é por um “professor novo”, segundo Jurema Sampaio, mas mesmo os alunos ainda assumem posturas “velhas”. Evidencia-se aqui a necessidade de mudarmos nossas atitudes no sentido de aprendermos a aprender colaborativamente e de encarar o processo educativo como um processo em construção coletiva do qual participam professores, alunos, profissionais de apoio e a comunidade.

Quem sabe eles estão buscando o tipo de professor proposto por Azevedo, o “professor animador”, que mobiliza sua comunidade de aprendizagem com liderança, capacidade de troca de informações e de construção de conhecimento?

Nosso preletor apresentou um perfil de educador online que merece atenção, é ele:

Precisa adquirir e desenvolver a capacidade de incentivar a troca dentro da comunidade e o compartilhamento de descobertas.

Deve ser capaz de ajudar a comunidade a encontrar seu ritmo de interação e de trabalho, seu estilo coletivo, sua personalidade comunitária.

Deve procurar integrar na comunidade todos seus componentes, especialmente os que chegam e os que se afastam por motivos diversos.

Como líder comunitário, seu grande talento deverá se concentrar não apenas no domínio de um conteúdo e de técnicas didáticas, mas principalmente na capacidade de mobilizar a comunidade em torno da sua própria aprendizagem, de fomentar o debate, de manter o clima para a ajuda mútua, incentivando cada um a se tornar responsável pela motivação de todo o grupo.

E o debate continua...

d. Investimento em ‘peopleware’

(formação e aperfeiçoamento do professor)

De que adianta o desenvolvimento da tecnologia se não tivermos pessoal capacitado para utilizá-la em prol do crescimento dos indivíduos e da sociedade? Por isso Azevedo afirma “ O MOMENTO ATUAL EXIGE INVESTIMENTO PESADO EM PEOPLEWARE, isto é, em recursos humanos para a educação online.” É verdade. E Greenspan (Proftak, 2000) elabora ainda mais essa idéia dizendo que:

Capital humano – nossos professores - e tecnologia se complementam na produção de resultados educacionais, da mesma maneira que em outras atividades. Para alcançarmos os melhores resultados com a tecnologia precisamos oferecer aos professores a oportunidade de treinamento para uso efetivo da tecnologia e criar fóruns para que professores e

pesquisadores da área educacional debatam idéias e abordagens relacionadas às maneiras de melhor integrar a tecnologia no currículo. (p.78)

Temos hoje um número cada vez maior de artigos, publicações, cursos, eventos e sites voltados para a formação e aperfeiçoamento do professor online. Milone (2000) aponta como característica fundamental para o desenvolvimento desse tipo de atividade a preocupação de utilizar mensagens que realmente comuniquem ao professor as novidades tecnológicas que espera-se que ele incorpore no seu ensino. Isto porque a “área tecnológica é muito especializada, com vocabulário complexo e é geralmente difícil antecipar as ansiedades que tomarão conta dos professores no momento de utilizar a tecnologia em situações pedagógicas”. (p.61) Pode-se acrescentar também a dificuldade de antecipar as possíveis aplicações pedagógicas das tecnologias que vêm se tornando disponíveis no mercado em ritmo acelerado.

A necessidade e importância de investimento nessa área é inegável, permanece o desafio de realizá-lo de modo a trazer benefícios para o trabalho do professor que hoje precisa integrar a tecnologia na sua sala de aula. Nesse sentido Tom Carrel (Ortega, 2000) chama a atenção de que o poder da tecnologia para a aprendizagem do aluno não vem da presença de computadores e da Internet na sala de aula. O real poder da tecnologia na educação virá quando os professores tiverem sido bem treinados e tiverem eles mesmos capturado o poder da tecnologia. Os professores precisam refletir o comportamento que esperam que seus alunos aprendam.

Nessa linha cabe lembrar o trabalho de Sampaio e Leite (1999) no qual perguntam já no primeiro capítulo do livro: “Professor, por que alfabetização tecnológica?” (p.13), e mais adiante respondem que, dentre outros fatores, “O desenvolvimento da alfabetização tecnológica depende de uma ação sistematizada junto aos professores para dar-lhes a oportunidade de dominar (interpretar criticamente e saber utilizar) as tecnologias.” (p.103)

Parece não haver dúvidas quanto à essa necessidade, as questões que se apresentam dizem respeito à operacionalização dessas ações. Que tipos de cursos, seminários, oficinas, etc são mais adequados para formar e desenvolver o professor competente na realização da EAD presencial e online?

Stapel (Milone, 2000), especialista em treinamento de professores, nos lembra que:

No passado, penso que cometemos um erro passando muito rápido para a fase de integração...em muitos casos os professores não estavam prontos. Nós andamos um pouco para trás e agora nosso foco consiste em tornar os professores competentes no uso da tecnologia antes de esperar que eles apliquem o que aprenderam para resolver problemas instrucionais.(p.58)

A pressão é grande e os questionamentos numerosos. Aquiles Grimone

pergunta: “Como tornar o professor do ensino presencial em professor de EAD?” Seria ele um professor que preparado para criar materiais de ensino adequados ao princípio de aprendizagem colaborativa? Antes de mais nada é preciso nos perguntar se podemos fazer tal transformação nos professores, ou melhor, com que direito podemos esperar, exigir que eles

se transformem. Parece justo antes de mais nada, verificar quais professores estão dispostos a trabalhar de acordo com esse novo paradigma. Quais professores acreditam nesse novo paradigma? Qualquer imposição nesse sentido será inócua. Uma vez aceito o desafio por parte do professor parece então que o foco deve se concentrar nas estratégias de formação e aperfeiçoamento desses profissionais. Estratégia essa que deve prever uma ação contínua para poder tentar acompanhar o desenvolvimento tecnológico inerente à EAD online.

Uma maneira encontrada por uma escola norte-americana de envolver seus professores no projeto tecnológico da escola foi construindo uma “comunidade tecnológica”, ao invés de um “comitê de tecnologia”. O critério para integrar essa comunidade não era o conhecimento ou habilidade tecnológica, “mas o desejo de melhorar o ambiente de aprendizagem dos professores e alunos” (Adams, 2000).

Ao se pensar na formação do professor de EAD é preciso enfatizar o desenvolvimento da capacidade de trabalhar em equipe. Grande desafio, porém necessário, pois cada vez menos podemos manter a qualidade do nosso trabalho quando optamos por uma ação individual. Neste momento, em que utilizamos cada vez mais tecnologia em nossas atividades educativas, precisamos aprender a trabalhar integradamente, pois nossa interdependência com profissionais de outras áreas aumenta consideravelmente. Mesmo sabendo que “aprender a aprender colaborativamente é mais importante do que aprender a aprender sozinho” (Kátia Tavares), em qualquer modalidade de ensino, não podemos apenas ensinar os alunos a fazerem aquilo que se deseja que eles façam – trabalhar colaborativamente. Nós, professores, também precisamos aprender a trabalhar desse modo.

Voltamos aqui ao antigo conceito de aprendizagem em grupo, da década de 70. Grupo no sentido real, que envolve a participação de todos os membros da equipe e que trabalham em prol de um objetivo comum. Não se pode aceitar uma simples divisão de tarefas e um pseudo trabalho em grupo, sem interação nem interdependência.

Os participantes do Seminário discutiram a dificuldade do professor em lidar com as diversas tecnologias disponíveis de modo a explorar seu potencial pedagógico. Lenise Garcia, fazendo referência a um curso de EAD oferecido pela Universidade de Brasília e a Universidade Estadual do Mato Grosso, no qual os tutores estão conectados pela Internet e a maioria dos alunos trabalham com material impresso, resalta, com pertinência, que

O modelo desenvolvido para EAD baseada em material impresso não me parece adequado ao ambiente online, não aproveita os melhores recursos que este ambiente oferece.

Ela parece estar coberta de razão, pois cada tecnologia tem características próprias que podem ser exploradas pedagogicamente. E esse é um dos desafios da formação do professor nos dias de hoje, que tem uma gama de tecnologias disponíveis para serem utilizadas no processo pedagógico. Por isso o professor precisa ser “alfabetizado” tecnologicamente (Sampaio e Leite, 1999), pois só assim poderá integrar adequadamente a tecnologia na sua ação educativa, presencial ou a distância, sem incorrer nos equívocos apontados acima.

e. Outros aspectos

Custo é um aspecto importante da EAD, segundo Azevedo : Começa a ficar cada vez mais caro e cada vez mais trabalhoso fazer Educação a Distância baseada no desenvolvimento de material impresso ou em vídeo.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIA INTERNET COMEÇA A SER VISTA...POR ALGUMAS DESTAS INSTITUIÇÕES COMO UMA ALTERNATIVA PARA REDUZIR OS CUSTOS.

Esclarece o professor que isso vem acontecendo devido ao fato da informação, hoje, se tornar obsoleta com muita rapidez. Daí os seguintes questionamentos: Devemos desenvolver cursos de EAD para qualquer tipo de informação? Que tipo de informação/conteúdo é adequada para cursos de EAD de modo a tornar os cursos financeiramente viáveis?

Uma das razões para o computador vir substituindo cada vez mais os demais meios de comunicação como recurso de ensino também parece estar acontecendo não somente devido ao fato de acarretar menores custos, mas também por esse recurso tecnológico multimídia veicular texto, imagem, som e movimento com mais rapidez, melhor preço e qualidade técnica.

Ainda pensando nos custos, mas aliando-o à necessidade de definição de uma pedagogia específica, Maria Neide Sobral da Silva pergunta:

Como colar no chão educacional brasileiro, marcado pela exclusão, a construção de um novo modelo educativo, (pois como só senhor coloca não é barato) no sentido de lutarmos para garantir tanto acesso a esta educação (ressalto aqui presencial ou a distância), mas sobretudo, a construção deste modelo educativo que ultrapasse os limites da tutoria, da instrução programada, do tecnicismo?

Nada mais é barato hoje, pagamos caro por quase tudo que precisamos e/ou queremos, pois a base prevalente na sociedade é a econômica. Educação custa dinheiro seja ela presencial ou a distância, principalmente hoje que o antigo conceito do professor Anísio Teixeira, também título do seu livro – Educação é Investimento, está totalmente norteadado pela preocupação de gerar mais dinheiro quando se desenvolve qualquer ação educativa e não pela formação do ser humano para o qual o processo é dirigido.

Infelizmente “democratização” muitas vezes, na prática, é entendida como popularização no mau sentido, com extensivo oferecimento de serviço de baixa qualidade. Todos têm acesso mas a que tipo de serviço? Com que qualidade? Educação precisa sim ser vista como investimento, mas não somente financeiro. A preocupação primeira da ação educativa deve estar centrada no nosso aluno. Ele deve orientar a definição do modelo pedagógico que deve “ultrapassar os limites da tutoria, da instrução programada e do tecnicismo. A presença da rede nos cursos de EAD pode ser um elemento que contribua nesse sentido, mas ao mesmo tempo esbarra na falta de acesso à mesma por grande parte da população para qual desejamos que tenha acesso à educação presencial ou à distância. Uma pesquisa realizada pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos em 1999 revelou que “educação, renda e raça, entre outros fatores, determinam o acesso ou não da população à tecnologia” (Rosenthal, 2000, p.10). Com base nesse relatório, o governo norte-americano iniciou um programa de criação de infra-estrutura para que todo cidadão tenha acesso à tecnologia,

começando pelas escolas, de modo que computadores e a Internet se tornem tão acessíveis quanto o telefone naquele país. A esse projeto foi dado o nome de “divisão digital”. Como podemos superar esse impasse na nossa sociedade?

Motivação do aluno é fundamental em qualquer ação pedagógica. Sem motivação parece difícil haver aprendizagem, e Azevedo defende o uso da Internet como recurso de ensino para EAD por facilitar a formação de “turmas”. A turma, segundo ele, é importante para a manutenção da motivação do aluno, pois funciona como apoio e estudo para o aluno no enfrentamento das dificuldades inerentes à aprendizagem. Surge então a questão: como despertar e manter a motivação do aluno em cursos de EAD, sejam eles via Internet ou via qualquer outro meio de comunicação? As técnicas didáticas para despertar e manter a motivação dos alunos de EAD diferem daquelas usadas no ensino presencial? De que maneira?

Motivação está diretamente ligada a um outro ponto importante: estilo de aprendizagem que, apesar de não ter sido abordada no Seminário, parece fundamental quando se trata de aprendizagem e de EAD. Antes de mais nada, como os estudos de aprendizagem estão relacionados à motivação? É a EAD uma modalidade de ensino que atende a variados estilos de aprendizagem? Algum estilo de aprendizagem é mais ou menos adequado a essa modalidade de ensino? Dependendo da(s) tecnologia(s) utilizada(s) em cursos de EAD pode-se favorecer diferentes estilos de aprendizagem?

Existem vários outros aspectos que também podem ser relacionados à motivação para a aprendizagem, e um deles diz respeito à necessidade dos alunos que optarem por cursos de EAD online, assim como os professores, dominarem o uso dos meios de comunicação eletrônica. Fato semelhante ocorreria se planejássemos cursos para analfabetos baseados em material impresso e esperássemos que os alunos se sentissem motivados. Voltamos à questão da necessidade de alfabetização tecnológica das pessoas envolvidas em projetos educativos que utilizem a tecnologia, qualquer que seja ela (Sampaio e Leite, 1999).

Uma das preocupações de Lenise Garcia diz respeito a como conseguir compromisso da parte dos inscritos [alunos que se inscrevem em cursos online e depois não participam do curso, tirando a vaga de outros possíveis interessados? Esse parece ser mais um aspecto que pode ser estudado à luz da motivação.

Maria Cecília dos Santos Chaves toca em outro aspecto, o oferecimento de cursos de EAD de qualidade. Por isso nos lembra que a “comunidade de EAD necessitará criar padrões e se auto gerenciar”, pois está havendo uma proliferação de cursos de EAD e ‘muita picaretagem’ corre solta por aí. É preciso pensar em maneiras de inibir as práticas picaretas de educação presencial e a distância”. Ela sugere a criação de conselhos de EAD para credenciamento dos cursos. Eles irão garantir essa qualidade? Não se pode correr o risco de “ouvirmos que a educação a distância não passa de mais um produto de segunda, inferior inclusive ao tão desgastado ensino presencial tradicional.”

O MEC ainda não reconhece a maioria dos cursos de EAD oferecidos no mercado. Os aspectos legais que norteiam essas decisões precisam ser acompanhadas com atenção. É legal o oferecimento de cursos de ensino básico, de graduação, de pós-graduação? Quais são as exigências básicas do MEC para essa modalidade de ensino?

Algumas pessoas reagem fortemente à Internet, se sentem perdidas, não interagem com naturalidade, enfim não lidam bem com a comunicação assincronia. A idéia de Azevedo de oferecer a “pré-escola virtual” parece atender bem ao seu objetivo, que é ambientação, exatamente para dar ao aluno que trava o primeiro contato com o ambiente de aprendizagem online a chance de criar seus hábitos e rotinas, de aprender a agendar-se dentro desta nova temporalidade.

Muitos têm a ilusão de que o computador surgiu para facilitar nossa vida, o que nem sempre é verdadeiro...Com a EAD online acontece o mesmo, nem sempre é mais fácil desenvolver essa modalidade de ensino. Cursos online precisam ser cuidadosamente planejados como nos lembra Daniela Doria ao buscar caminhos para estimular a participação do aluno. O desenho de curso online deve incluir estratégias de ensino-aprendizagem que estimulem a participação do aluno e o alcance dos objetivos. Quais são elas? Elas diferem de acordo com o conteúdo trabalhado? Com a duração do curso? Tipo de aluno? Tecnologia utilizada?

Vários outros questionamentos surgiram durante o seminário e que merecem nossa atenção, são eles:

Como administrar pedagogicamente bem o tempo online?

Qual seria o perfil profissional do “professor animador”?

Como convencer o professor que ele tem que gerar material para essa nova mídia?

Qual a melhor estratégia para se organizar uma equipe de EAD?

Por que se dá tão pouca atenção à formação de profissionais de EAD?

Como definir o tempo a ser dedicado ao atendimento dos alunos (tutoria)?

Como estimular a participação dos alunos?

Qual seria o papel do “chat” em uma experiência de EAD?

Vamos continuar buscando questões e possíveis respostas...

Mais algumas idéias em amadurecimento...

Pocuramos incluir o máximo possível de aspectos abordados e falas do Seminário mas não pudemos contemplar todas elas, foi uma pena. Esperamos que o objetivo de avançar na organização e ampliação das idéias debatidas tenham sido alcançados. A seguir são apresentadas outras idéias ainda em fase de amadurecimento.

A ênfase deste Seminário recaiu na EAD online, mas todos sabemos que existem no mercado excelentes cursos por correpondência, via televisão ou vídeo. Portanto, não “é a tecnologia em si que define a qualidade desse tipo de produto, mas suas bases teóricas, seu modelo pedagógico, desenho instrucional e a maneira como é desenvolvido junto ao seu público-alvo.

Mesmo tendo definido suas bases, é preciso lembrar também que nem sempre a EAD substitui a experiência direta de aprendizagem. E no caso da formação do professor precisamos estar

muito atentos para identificar com consciência que conteúdos da sua formação devem ser ensinados utilizando a metodologia da EAD, pois em alguns casos este tipo de ensino pode ser indicado para exemplificar, expandir, mas não para formar.

A busca de uma pedagogia específica para a EAD continua presente, pois jamais encontraremos respostas finais, definitivas para esta ou qualquer outro modelo educativo. Porém, ao optarmos pela EAD online não podemos esquecer a necessidade da construção de uma infra-estrutura tecnológica que viabilize a comunicação online, pois apenas o modelo pedagógico não será suficiente para o seu sucesso.

Enfim, não devemos nem podemos esperar milagres educacionais mediante a adoção da EAD. Azevedo nos lembra com propriedade que a “EAD oferece grandes possibilidades mas não é a ‘tábua de salvação’ da educação brasileira.” Ela é apenas mais uma metodologia de ensino de que dispomos atualmente para nos ajudar a melhorar a qualidade do nosso processo educativo.

A qualidade dos cursos de EAD é uma das preocupações de Claudia Aparício, e nossa também, quando pergunta se é possível transformar os cursos tradicionais de EAD em cursos de qualidade que utilizem os recursos da Internet, mas não com mera substituição ou má utilização dos novos recursos. Parece plenamente viável, mas demora, principalmente porque hoje “todos” se dizem especialistas em EAD, professores das mais diversas áreas e até opositores desta modalidade de ensino antes dela ter se tornado moda outra vez. É preciso esperar a poeira assentar.

Estamos construindo nosso caminho descobrindo maneiras de melhor desenhar, desenvolver, oferecer e avaliar cursos online. Milton Barbosa da Silva nos lembra que o trabalho online exige “mais do que o simples uso da máquina, mas a construção de competências (valor, conceito e atitude)...precisamos entender que a REDE está ajudando a estruturar uma NOVA FORMA DE ENSINAR E APRENDER”.

O Grupo TLT (2000) explica que a competição e confusão sobre Educação a Distância e Aprendizagem Online não podem ser esquecidas, principalmente neste momento em que mais instituições estão tentando competir pelo aparente mercado de EAD e aprendizagem online em rápido crescimento. Muitos estão descobrindo que não existe um mercado único para todos os tipos de aprendizagem (a qualquer hora, em qualquer lugar, para qualquer pessoa); e que para muitos alunos a interação presencial é essencial. O mercado que mais cresce é o focalizado nos ‘mercados verticais’ e em cursos e ‘programas híbridos’.

Focalizando uma outra pergunta de Claudia Aparício: é possível reciclar os professores formados em uma pedagogia distinta para que se adequem às novas necessidades? Esse aspecto já foi abordado anteriormente mas é preciso acrescentar que necessitamos esperar para ver....esperar atuando, interferindo, construindo, pois o futuro da EAD depende do que nós, profissionais da educação, fizermos com ela. Caminhamos no sentido de fazer com que qualquer tecnologia que utilizarmos para viabilizar a EAD não seja prevalente, ou seja, que a tecnologia se torne transparente ao processo educativo, tal qual o quadro-de-giz hoje em nossas salas de aula. Ao entrar em salas de aula ninguém mais se espanta com a sua presença, nem o professor se intimida ao utilizá-lo perante seus alunos. Esperamos que aconteça assim

também com a EAD e que possamos nos concentrar nas questões didático-pedagógicas relativas a esta prática educativa, e não na tecnologia utilizada para o seu desenvolvimento.

Como sabemos que o seguinte pensamento de Charles H. Duell, Diretor do Departamento de Patentes dos EUA (1899) é totalmente equivocado quando afirma que “Tudo que poderia ser inventado já o foi”, não resta dúvida de que ainda temos um longo caminho na construção da EAD. Os temas e questões aqui apresentados são apenas o início, ou talvez o meio da nossa discussão-construção, mas jamais o fim.

Referências Bibliográficas

- Adams, Eric C. Transparent Training and Technological Intuition. <http://www.thejournal.com/magazine/vault/A2799.cfr.html>
- Aquifolium- <http://www.aquifolium.com.br>
- Barron, Dr. Ann, Director. Teacher’s Guide to Distance Learning. Florida Center for Instructional Technology, College of Education, University of South Florida, 1998.
- Drucker, Peter. E-Ducação. Set.2000.
- Grupo TLT. (Virtual) Teaching, Learning, and Technology Centers, Local (V) TLTCs and TLTCs, Starter-Kit. [http://www.tltgroup.org/gilbert\(V\)TLTC/StarterKit\(V\)TLTC7-8-00Excerpt.htm](http://www.tltgroup.org/gilbert(V)TLTC/StarterKit(V)TLTC7-8-00Excerpt.htm)
- Harman, Willis e Hormann, John. O Trabalho Criativo. SP: Cultrix, 1990.
- Mattos, Luiz Alves de. Sumário de Didática Geral. RJ: Ed Aurora, s/data.
- Milone, Michael. Staff Development. Getting It Right the First Time. In Technology and Learning. Vol1(2), Sept.2000, pp.58-61.
- Muirhead, Brent. Attitudes Toward Interactivity in a Graduate Distance Education Program: A Quantitative Analysis. <http://www.dissertation.com>
- Ortega. Jorge. ISTE Develops Unprecedented Tech Standards for Students Learning. <http://www.facenet.org/Jan2000/ISTEnets.htm>
- Poftak, Amy. The Back Page. Greenspan, Alan. Technology & Learning. V.21(3), Oct 2000, p.78.
- Rosental, Ilene. The Clinton-Gore Digital Divide Proposal. Technology & Learning. Vol.20(10), May 2000, p.10
- Sampaio, Marisa N. e Leite, Ligia S. Alfabetização Tecnológica do Professor. RJ: Vozes, 1999.
- Silva, Marco. Sala de Aula Interativa. RJ: Quartet, 2000.
- University of Central Florida. Learning On-Line. Skill Requirements. <http://reach.ucf.edu/~coursedev/learning/skills.html>

Fonte: http://www.intelecto.net/desenvolvimento_ead.htm

